

## Uma reflexão ou devaneio sobre a etnocenologia como epistemologia não-cartesiana

Thales Branche Paes de Mendonça

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA – Mestrando - Matrizes estéticas da cena contemporânea – Or. Prof. Dr. Érico José de Oliveira

Bolsa CAPES

Ator e músico

Resumo: Este trabalho apresenta o estado atual de uma pesquisa de mestrado em artes cênicas, que toma como objeto a brincadeira dos mascarados na Marujada de São Benedito em Quatipuru (PA). Após uma primeira experiência participante em campo, e buscando efetivar o amadurecimento teórico necessário para a fase da pesquisa de campo, é desenvolvida uma reflexão que estabelece os princípios epistemo-metodológicos que orientam este processo de pesquisa. A pesquisa toma a etnocenologia como proposta epistemo-metodológica não-cartesiana, abrindo espaço para articulações transdisciplinares, processos de pesquisa que valorizam o sujeito em suas apetências e competências, e a apropriação da experiência sensorial e estética como elemento gerador de conhecimento.

Palavras-chave: Etnocenologia; epistemologia não-cartesiana; pesquisa e subjetividade.



No Tarô de Marselha, a carta do Eremita (a imagem que abre este texto) é o nono arcano maior do jogo. O Eremita, como nono arcano maior, relaciona-se narrativamente com os arcanos de número seis, sete e oito, respectivamente, o Amoso (VI arcano), que, representando o adolescente no sofrimento de decidir que caminho seguir diante da simbólica bifurcação da estrada, converte-se no Carro (VII arcano), em que é representado mais velho e coroadado, pois escolheu o seu caminho e o sustentou com força e determinação, mas que, ao se chocar com a Justiça (VIII arcano), é recordado da lei do mundo, a que sustenta o equilíbrio rigoroso que não deve ser perturbado. O Eremita (IX arcano) representa, nesse contexto, a via que o personagem daquele Amoso convertido no Carro escolhe para resolver a ambivalência condenada pela Justiça.

A imagem do Eremita, um velho sábio curvado apoiado por um bastão e segurando na mão direita uma lanterna, remonta o caminho solitário, de isolamento, que o

ser humano deve trilhar na busca de suas próprias verdades. Esse caminho deve ser pautado no autoconhecimento e num exame rigoroso e autocrítico de seu trajeto até então, necessitando do distanciando do mundo exterior, aonde se encontram todas as paixões. A lanterna representa a luz da sabedoria, a lâmpada de Hermes Trimegisto - o três vezes grande, criador da alquimia e inspirador do conhecimento hermético -, o bastão, a longa e paciente peregrinação.

Assim, procuro tratar o momento da minha escritura. Momento em que a noite silencia a minha casa e o mundo lá fora. Momento em que paro e posso pensar/ rememorar a minha própria experiência para que, assim, recluso em mim mesmo, eu possa encontrar a simbólica iluminação que busco em meu processo de pesquisa: a ressonância das experiências de pesquisa de campo que se estruturam em interpretação, trama de um tudo que me atravessa texto.

Paul Feyerabend afirma despididamente no índice analítico de seu livro/tratado "Contra o método" (2007, p. 29): "O ponto de vista implícito neste livro não é resultado de uma bem-planejada cadeia de pensamentos, mas de argumentos instigados por encontros acidentais". O "acidental", de algum modo, está incorporado ao seu processo de trabalho, num espírito livre e libertário, a meu ver. O olhar de Feyerabend sobre o seu próprio trabalho me inspira a acreditar que, afinal, eu não estou tão perdido assim no meu processo de pesquisa. Apesar da imagem do velho Eremita que situa esse momento solitário de uma certa introversão criativa, sou um jovem aprendendo a fazer pesquisa, às vezes mesmo um menino brincando de pesquisa. Quem me trouxe a imagem do menino foi também Feyerabend, quando lembra o desenvolvimento das crianças, por exemplo, na aquisição da linguagem. As crianças não começam a falar somente após já terem constituído uma idéia estabilizada e bem construída do que é a linguagem, antes disso,

Elas usam palavras, combinam-nas, brincam com elas, até aprenderem um significado que estivera até então, além de seu alcance. E a atividade lúdica inicial é um pré requisito para o ato final da compreensão" (FEYERABEND, 2007, p.40).

Para o autor, o conhecimento científico também se processa dessa forma, a criação de uma coisa ocorre concomitantemente à criação mais a compreensão plena dessa mesma coisa. O conhecimento se gera, assim, num espaço incerto, numa região de instabilidade entre a imaginação do lugar de onde se quer chegar e o lugar aonde se chega, se é que se chega. Feyerabend sustenta a idéia de que a ciência se dá por meio de numerosos processos que não são somente racionais, ou mesmo racionalizáveis. Na pesquisa, na construção do conhecimento, há um quê de intuição que aproxima esse processo ao processo do artista, que se arrisca no desconhecido, se expõe, dá sua cara à tapa em nome da criação, sua arte, que é ele mesmo. Feyerabend afirma, também, que o

guia do desejo de conhecimento é a paixão, um vago anseio que pode até ser disforme, talvez num primeiro momento incompreensível, mas que dá origem “(...) a um comportamento específico que cria as circunstâncias e as idéias necessárias para analisar o processo, torná-lo ‘racional’.” (2007, p. 41).

Assim, num jogo teórico arriscado que ainda não domino bem, mobilizo essa minha reflexão ou devaneio sobre a etnocologia como epistemologia não-cartesiana. Vale ressaltar que falo de reflexão ou devaneio justamente porque este texto se situa no entre-lugar de um discurso claramente acadêmico - afinal trata-se de um artigo que deverá ser publicado nos anais do Congresso da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa em Artes Cênicas - e de um discurso que chamo de criativo e poético, movido pela minha paixão por conhecer e transformar o processo de pesquisa em algo prazeroso, algo que me traduza, inclusive enquanto artista, daí meu interesse na etnocologia, daí a minha brincadeira entre reflexão e devaneio.

Nesse entre-lugar reside a minha crise. O texto que escrevo agora, enquanto artigo, deve ter a clareza de uma reflexão, porém, enquanto escritura de um processo de pesquisa que se arrisca entre jogos teóricos, ele é sim devaneio. Não o devaneio meramente como fuga do real, conforme esclarece generosamente Bachelard, que é um mago. O devaneio que se elabora como criativo, como possibilidade de superação dos horizontes limitados pela repetição cotidiana é o devaneio poético, aquele que deve ser escrito, portanto, não o devaneio em si, mas o devaneio que se faz escritura: “Todos os sentidos se despertam e se harmonizam no devaneio poético. É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta que a consciência poética deve registrar.” (BACHELARD, 1996, p.6). No devaneio poético as imagens do sonhador se ordenam, se organizam, e podem ser compreendidas, a despeito de suas origens etéreas, fazendo com que o texto seja passível de comunicação.

Partindo de uma idéia mais ou menos bem estabelecida do que vem a ser a etnocologia enquanto disciplina, etnociência das práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados, ela possui vários modos de se estabelecer enquanto epistemologia. Modos esses que por vezes se contradizem enquanto formulações epistemológicas. As inúmeras variantes dessas formas de ser da etnocologia devem ser reconhecidas, porém não me dedicarei a explicitá-las neste texto. Prefiro, em vez disso, focar a etnocologia enquanto possibilidade de se realizar a pesquisa acadêmica na área de artes entre a criação e a crítica, entre a “criatividade científica e a criação artística” (BIÃO, 2007, p. 39). Ressalto uma etnocologia que seja um alento para o pesquisador-artista, o artista-pesquisador:

Do ponto de vista epistemológico (...) vale considerar quatro condições desejáveis para o bom, belo e útil desenvolvimento da pesquisa: a serenidade, a humildade, o humor e o amor. Vale, também, assumir a

necessária implicação do sujeito, responsável pela generosa construção de um discurso sobre um trajeto que liga objetos a sujeitos, numa busca poética, comprometida e libertária (BIÃO, 2007, p. 33).

É nesse espaço profundamente humano em que o texto do professor Bião insere a etnocenologia que percebo sua potencialidade enquanto epistemologia não-cartesiana. Definir pela negação é também uma forma de constituir identidade. Em meu processo de pesquisa, meus incômodos têm sido vários e, frequentemente, me deparo com a situação de não saber exatamente que caminho seguir, mas com plena consciência poética de que determinados caminhos não me servem. Bachelard utiliza como epígrafe de sua introdução na “Poética do devaneio” (1996) as seguintes palavras de Jules Laforgue: “Método, Método, que queres de mim? Bem sabes que comi do fruto do inconsciente.”. No inconsciente é que residem os sonhos, as paixões, as forças motrizes de todo artista. Nesse sentido, tomo a etnocenologia como epistemologia-não cartesiana quando ela aproxima o sujeito artista da prática acadêmica de pesquisa.

Denise Coutinho e Eleonora Santos em seu texto “Epistemologias não cartesianas na interface arte-humanidades” (2010), discutem o paradigma das epistemologias cartesianas como elemento motivador da necessidade de constituição das chamadas epistemologias não-cartesianas, sobretudo, no campo das artes e das humanidades.

Partindo do pressuposto de que no século 20 houve uma grande expansão da produção de conhecimento no campo das ciências humanas, Coutinho e Santos vêem no século 21 o momento de legitimar as pesquisas em artes e humanidades na academia de modo a desestabilizar a hegemonia das ciências duras, tornando equivalentes seus reconhecimentos na sociedade. As autoras estabelecem uma leitura crítica das epistemologias cartesianas no que diz respeito à rigidez de seus preceitos que são resumidos em: “(...)evidência; análise (divisão); ordem; enumeração completa, sendo que todos esses preceitos partem da Dúvida metódica exaustiva que visa assegurar, no final, a Certeza.” (2010, p. 67).

Responsável pela legitimação da ciência moderna, o método cartesiano se propunha a desenvolver uma abrangência universal: “De acordo com a tradição cartesiana toda e qualquer pesquisa estaria inapelavelmente subordinada ao método científico.” (Coutinho e Santos, p. 65). Nesse sentido, considero que a etnocenologia segundo as proposições aqui explicitadas promove uma ruptura significativa em relação às epistemologias cartesianas, atribuindo à pesquisa um sentido mais humano, que abrange o erro, a incerteza, a consciência do processo e os limites da fala do sujeito pesquisador implicado no seu próprio projeto de pesquisa, uma busca poética e libertária.

Estou em processo, na vida, na pesquisa e na arte, daí minha busca na etnocologia enquanto epistemologia não-cartesiana como forma de caminhar honesta e compatível com meu momento. Assim, este texto que é um devaneio ou uma reflexão também deve ser encarado como um objeto mesmo incerto, obscuro, fruto da experiência sensível de um lugar que ainda desconheço, mas que sob a metáfora do Eremita, busco iluminar, compreender. Eremita e menino, talvez um paradoxo, este texto é um pouco a tentativa de escritura do que sonho enquanto pesquisa, enquanto pesquisador. Porém, este texto que é um “(...) prelúdio desarrozado, insensato e sem método, revela-se, assim, ser uma precondição inevitável de clareza e de êxito empírico” (FEYERABEND, 2007, p. 41).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BIÃO, Armino. Um trajeto, muitos projetos. In: \_\_\_\_\_. *Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocologia*. Salvador: P & A Editora, 2007.

COUTINHO, Denise; SANTOS, Eleonora. Epistemologias não-cartesianas na interface artes-humanidades. *Repertório. Teatro & Dança*, Salvador, ano 13, n. 14, 2010, p. 65-73.

FEYERABEND, Paul K. *Contra o método*. Tradução: Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.